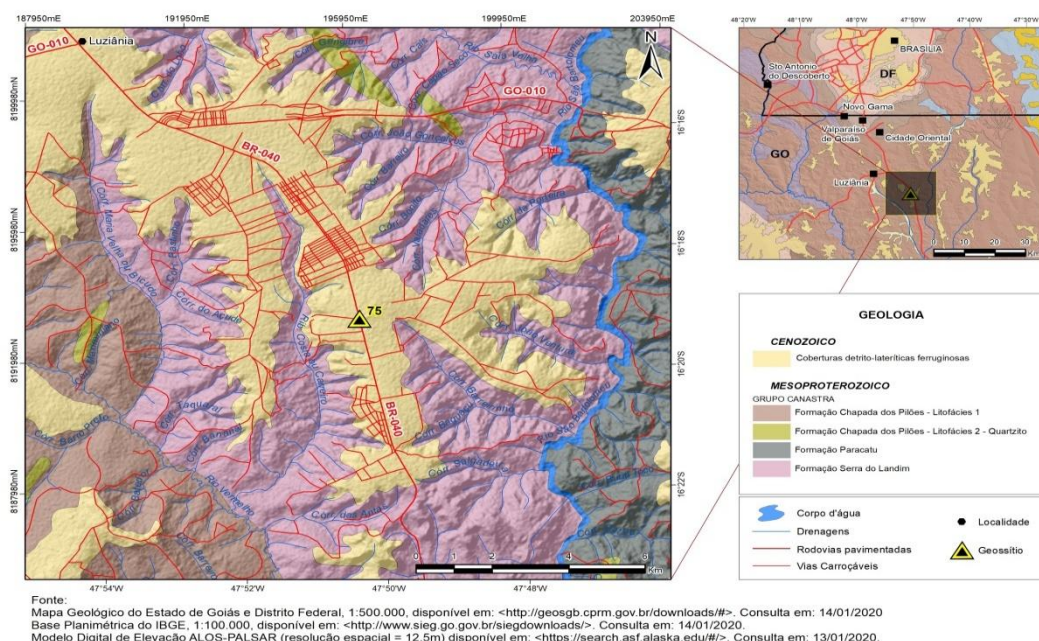


GEOSÍTIO Nº 75 : CHAPADA DE LUZIÂNIA				
PONTO	MUNICÍPIO	COORDENADAS UTM (23K)		ELEVAÇÃO
		X (m)	Y (m)	
R9-02	Luziânia/GO	196.493	8.193.465	995 m
RELEVO/TOPOGRAFIA Relevo aplainado. Planalto dissecado		COBERTURA VEGETAL Vegetação primária suprimida		

CONTEXTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO



DESCRIÇÃO GERAL

Compreende ampla superfície aplainada, com cotas altimétricas em torno de 1000 metros, relevo suavemente ondulado, baixa densidade de drenagem, decorrente da elevada porosidade/permeabilidade da cobertura superficial, desenvolvida sobre rochas do Grupo Canastra (filitos, quartzitos e xistos) raramente expostas.

A região faz parte do Planalto Central do Brasil, na qual a morfogênese se relaciona às superfícies de aplainamento Sul-Americana e Velhas, estabelecidas por Lester King na década de 1950. Estas superfícies mudam de fisionomia ao longo do percurso rodoviário que segue em direção a Cristalina, havendo intervalos onde ocorre a presença de vales dissecados, predominando neste ambiente colinas residuais sustentadas por rochas de maior resistência ao intemperismo, além de remanescentes das coberturas lateríticas reafeiçoadas.

A proposta de Lester King considerou que períodos rápidos e intermitentes de soerguimento da crosta continental eram separados por longos intervalos de estabilidade tectônica, os quais proporcionaria a peneplanização em condições de clima árido, fundamentando seus estudos a partir das observações colhidas no continente africano. Ao par destas interpretações, verifica-se que a evolução da faixa

Brasília teve um desenvolvimento similar, desde o final do Pré-Cambriano, quando ocorreram soerguimentos de maior ou menor escala ao longo do cinturão de dobramentos, sendo, após, submetido a fases erosivas sucessivas e intercaladas em condições de estabilidade crustal, período no qual as rochas se desgastaram, culminando com o aplainamento atualmente observado.

Alguns registros destes processos de desgaste das superfícies, nos períodos mais recentes, são observados na região, na forma de cascalheiras e linhas de pedra depositadas ao longo das vertentes, servindo, portanto, como indicadores de processos de denudação e agradação. Assim, prevalece que fases erosivas precursoras proporcionaram o recuo das escarpas em climas áridos que, de maneira prolongada e alternada, foi acompanhado pela erosão dos sedimentos em condições de clima úmido a partir do período Terciário, redundando no esculpimento da paisagem.

As feições do entalhamento erosivo de maior ordem se manifestam próximo à rodovia a montante do rio São Bartolomeu e tributários, apresentando interflúvios estreitos e vertentes curtas, que deram origem a solos rasos e diferenciados daqueles que ocorrem nas chapadas. As fitofisionomias, quando ainda preservadas, são o cerrado e o cerrado aberto, com vegetação de maior porte desenvolvida nas superfícies rebaixadas, preferencialmente ao longo das drenagens.

IDENTIFICAÇÃO VISUAL



Figura R9 - 02: Paisagem no domínio da chapada de Luziânia, representativa do uso da agricultura intensiva.

GUIA DE CAMPO

a)- Categoria do Sítio: (x) Acadêmico; () Histórico/Cultural; (x) Paisagístico; (x) Socioambiental.

b)- Acesso Rodoviário: (x) Bom; () Regular; () Ruim.

- c)- Autorização de Acesso Local: () Sim; (x) Não.
- d)- Entrada Paga: () Sim; (x) Não.
- e)- Acesso ao Sítio: (x) Fácil; () Difícil; () Uso de EPI.
- f)- Uso Potencial: (x) Educação; (x) Geoturismo; () Ciência.
- g)- Fragilidade: () Alta; () Média; (x) Baixa.
- h)- Necessidade de Proteção: () Alta; (x) Baixa.

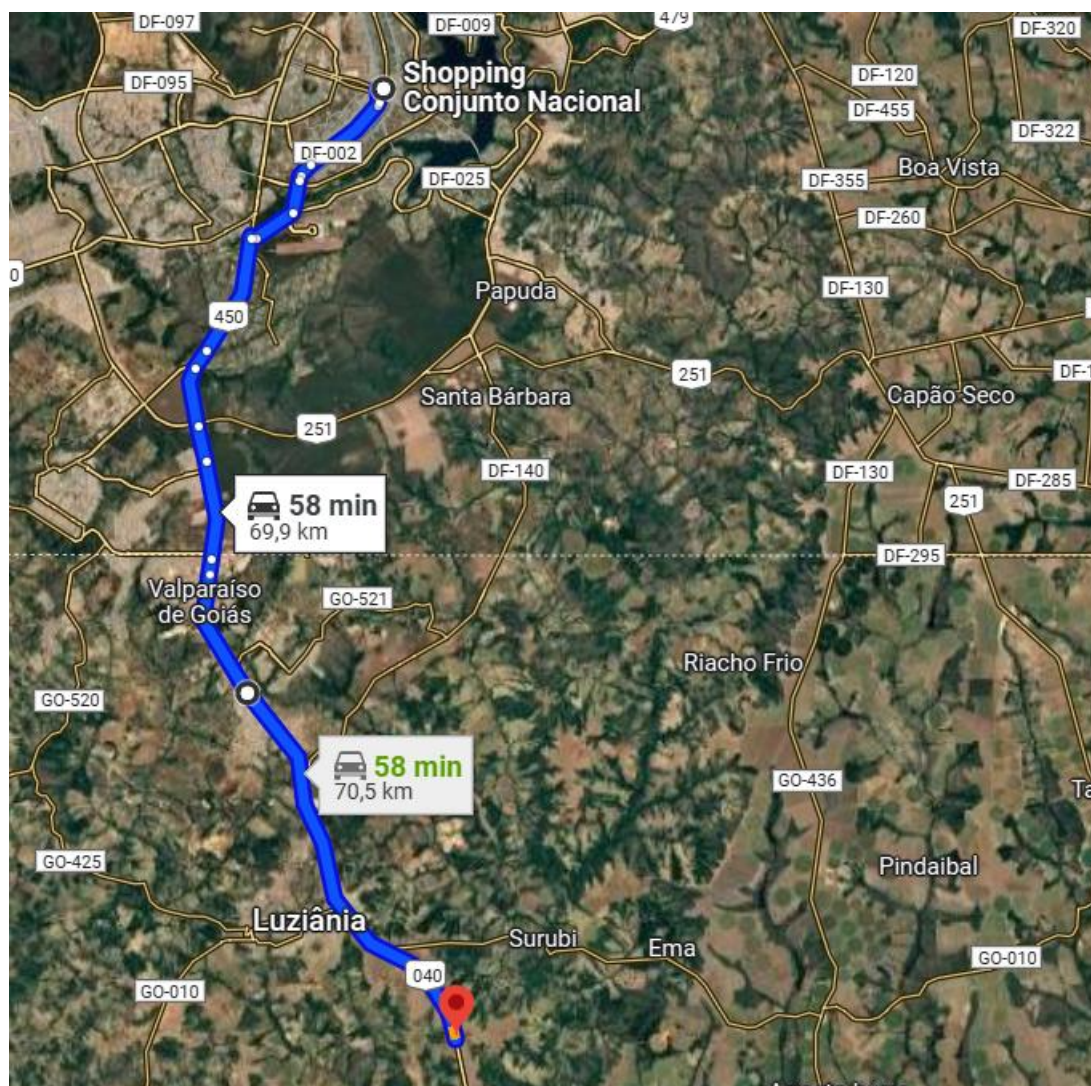
ENFOQUE/CONTEÚDO EM GEOCIÊNCIAS

-Compartimentação Geomorfológica; Tipos de rochas; Atividades socioeconômicas.

IMAGEM AÉREA - LOCALIZAÇÃO GEOSÍTIO Nº 75 (*)



TRECHO RODoviÁRIO



(*) Ponto Inicial: Rodoviária do Plano Piloto
Trecho Percorrido: 70,5 km.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, I. O.; LACERDA, M. P. C.; BLILICH, M. R. Relações pedomorfogeológicas nas chapadas elevadas do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, v.33, n.5, p.1373-1383, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2DVNjBh>. Acesso em: 8 maio 2019.

BIGARELLA, J. J. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. v. 3

BRAUN, O. P. G. Contribuição à geomorfologia do Brasil Central. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 3-39, 1970. Disponível em: <http://bit.ly/2Jnguk4>. Acesso em: 8 maio 2019.

DISTRITO FEDERAL. **Zoneamento Ecológico Econômico Distrito Federal**. Governo do Distrito Federal. Caderno Técnico – Matriz Ecológica. 164 p. 2017. Disponível em: http://www.zee.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/ZEEDF_CT01_Matriz-Ecolologica.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019

NEUMANN, Marina Rolim Bilich. **Mapeamento digital de solos, no Distrito Federal**. 2012. xii, 110 f., il. Tese (Doutorado em Geociências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11026>. Acesso em: 21 maio 2019.

PENTEADO, M. M. Tipos de concreções ferruginosas nos compartimentos geomorfológicos do Planalto de Brasília. **Notícia Geomorfológica**, Campinas, v.16, p. 39-53, 1976.

PINTO, M. N. Aplainamento nos trópicos: uma revisão conceitual. **Geografia**, v.13, n. 26, p. 119-129, 1988.

PINTO, M. N. Caracterização geomorfológica do Distrito Federal. In: PINTO, M. N. (Org.). **Cerrado**: caracterização, ocupação e perspectivas. 2. ed. rev. ampl. Brasília: UNB, 1994. p. 285-344.

PROJETO RADAMBRASIL. **Folha SD. 23 Brasília**: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro: O Projeto, 1982. (Levantamentos de Recursos Naturais, v.19). Disponível em: <http://bit.ly/2H8aDNU>. Acesso em: 8 maio 2019.